

ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO

Fernanda Barros¹
Pedro Almeida Pereira da Silva²

Resumo: O presente artigo elabora um estudo circunscrito na cultura da infância, sendo a aprendizagem e absorção da criança a temática central. O trabalho é feito a partir da relação de teorias e uma experiência vivenciada no Projeto “Canto do Conto” (IHAC/UFBA). O projeto leva de forma interdisciplinar contos às crianças da cidade de Salvador. O grupo de contação de história promoveu momentos de interação com as crianças, onde pôde-se imbrincar teoria e prática. Tendo como referencial teórico a compreensão de Odila Mansur, Maurício da Silva, Iracema Munarim, Gilka Girardello e Teixeira Coelho sobre: crianças e as relações com o tempo, brincadeiras e ludicidades. A análise das narrativas e teorias ajudaram a compreender a linha tênue que existe entre o real e o imaginário na cabeça das crianças.

Palavras-chave: Narrativas, Contos Infantis e Imaginário

Introdução

A partir de análises e reflexões embasadas na cultura da infância possibilitados pelo projeto “Canto do Conto”, é que inicia-se o trabalho aqui apresentado. O “Canto do Conto” é o desdobramento do projeto de pesquisa “Narrativas quilombolas na Chapada Diamantina”, que, por sua vez, é a ampliação de uma pesquisa realizada na Chapada Diamantina, região do estado da Bahia.

¹ Fernanda Barros é bacharela em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade 2 de Julho e graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Artes da Universidade Federal da Bahia. E-mail: nandabarros21@gmail.com

² Pedro Almeida Pereira da Silva é graduando no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do IHAC-UFBA, bolsista IC CNPq no projeto “Narrativas” da Chapada Diamantina e voluntário no projeto de extensão Canto do Conto. E-mail: almeida_ps@hotmail.com



O projeto de pesquisa “Narrativas da Chapada Diamantina”, desenvolvido pela professora Clarissa Braga e equipe, na UFBA/IHAC, é a ampliação de uma pesquisa realizada no município de Piatã em 2006. Pesquisa essa, que ganhou o Prêmio Anísio Teixeira – Educação, da FAPESB. O resultado desta mostrou que os alunos da educação infantil e do primeiro ciclo do ensino fundamental das escolas locais categorizavam como “histórias”, “lendas”, “folclore” e “contos” aqueles reproduzidos pela televisão e livros didáticos; no entanto, identificavam os próprios mitos como “superstição” atribuindo a estes um claro teor negativo.

Neste contexto, evidenciou-se a importância da disseminação da memória local através da oralidade e dos contadores de história que contribuem para a formação de um imaginário coletivo representativo do cotidiano, e das práticas e valores das localidades.

Tendo em vista que a Chapada Diamantina constitui um território de identidade, e suas subjetividades são particulares, gerar o intercâmbio entre contos de diferentes territórios de identidade da Bahia é uma forma de legitimar sua importância, e necessidade de disseminação, tendo-os em mesma categoria dos contos mais veiculados.

A ideia que se tem ao levar esses diferentes contos para as escolas, que é uma das metodologias de trabalho do “Canto do Conto”, é gerar processos de identificação entre diversas culturas que se encontram fora do currículo escolar e avaliar as formas como os alunos se apropriam das histórias e trazem o seu conteúdo para as suas experiências cotidianas. Neste contexto, o projeto aposta no lúdico como suporte para o processo de aprendizagem na educação infantil, sendo de grande importância utilizá-lo amplamente para atuar no desenvolvimento cognitivo da criança.

Quando levamos histórias e contos da Chapada Diamantina, do povo Kaimbé (índios que vivem na Terra Indígena Massacará, no município de Euclides), contos africanos, dentre outros contos, não só aumentamos o repertório das crianças e apresentamos a história em um contexto de diversidade, como também as estimulamos a estabelecer relações com suas vivências, seus valores e suas histórias. As crianças operam a “reversibilidade” porque enxergam naqueles contos, de outros lugares, a si próprias, identificam no seu cotidiano as experiências de outros povos e, desta forma, suprimem a noção do tempo, porque tornam o fato contemporâneo.

Este artigo tem como corpus uma narrativa contada por um grupo de estudantes da UFBA. É um trabalho que vem sendo realizado pelo Projeto Canto de Conto e semanalmente este grupo apresenta algum conto infantil (não tradicional) para a creche da UFBA.

A primeira história contada pelo grupo foi “A Porquinha Chiquita” e tinha como finalidade não apenas possibilitar as crianças, que convivem naquele espaço, um momento lúdico, mas, colaborar no processo de formação da criança e valorização da oralidade como técnica importante no desenvolvimento da educação infantil. Passado o primeiro momento em que a história foi contada, o grupo realizou atividades lúdicas com as crianças.

Narrativa e Lúdico

É inquestionável o papel exercido pelas narrativas na formação dos sujeitos. Através das histórias fantásticas, são passadas regras de convívio social, elementos para formação de caráter, situações que fazem refletir sobre atos e conseqüências, portanto, de forte conteúdo moral, significativo para determinado contexto e lugar. Dessa forma, entender e respeitar essas regras (questionar e desrespeitar, quando for o caso), formas de sociabilidade e valores históricos, é essencial para os sujeitos que delas participam e para aqueles que com eles interagem.

Grande parte das regras de convívio social e ideologias das comunidades são passadas através da oralidade, portanto as narrativas constituem um dos principais instrumentos para a observação e reconhecimento da sabedoria popular e história de uma determinada comunidade, mesmo levando em conta que a transmissão através da oralidade faz com que as narrativas sejam enriquecidas pelo contador e se modifique por variação geográfica e vicissitudes.

É exatamente a partir dessa perspectiva de narrativa, que se pôde realizar o presente trabalho. Valorizando as narrativas e posicionando-as como instrumento fundamental para entendimento do engendramento das relações. Para os fins aqui pretendidos especialmente na relação com crianças. A forma como elas absorvem tais contos, e como o lúdico trabalha de forma crucial no mundo particular.

“O que chamamos de cultura, [...], é na verdade um conjunto múltiplo e multidirecional de fluxos de sentido, de matérias e formas de expressão que circulam

permanentemente, que nunca respeitaram fronteiras, que sempre carregam em si a potência do diferente, do criativo, do inventivo, da irrupção” (MUNIZ, 2006. p. 3). Com essa idéia proposta por Muniz é que se deve observar a cultura da infância, como sempre em mutação.

Em nossa contemporaneidade torna-se ainda mais difícil acompanhar todas as irrupções do campo cultural, principalmente no âmbito da criança, onde as novas tecnologias transformam os modos de relacionamento, entretenimento e consequentemente o imaginário e o lúdico.

A ludicidade é assunto que tem conquistado espaço no panorama nacional, o jogo, a brincadeira e o brinquedo são a essência da infância, e utilizá-los permite um trabalho pedagógico que possibilite a produção do conhecimento, da aprendizagem e do desenvolvimento.

O lúdico apresenta dois elementos que o caracterizam: o prazer e o esforço espontâneo. Ele é considerado prazeroso, devido a sua capacidade de absorver o indivíduo de forma intensa e total, criando um clima de entusiasmo. É este aspecto de envolvimento emocional que o torna uma atividade com forte teor motivacional, capaz de gerar um estado de vibração e euforia. Em virtude desta atmosfera de prazer dentro da qual se desenrola, a ludicidade é portadora de um interesse intrínseco, canalizando as energias no sentido de um esforço total para consecução de seu objetivo. Portanto, as atividades lúdicas são excitantes, mas também requerem um esforço voluntário. (TEIXEIRA, 1995, P.23)

Em consonância as tais ideias é que se conseguiu preparar e realizar o trabalho de contação de história do Projeto, e problematizar as interpretações e reações das crianças ouvintes. Enquadrando-as em um ambiente de conforto, para que as análises fossem feitas a partir de reações espontâneas, correlacionando à relação de lúdico com aprendizado.

A Importância do Conto e a Experiência de vivê-lo

A compreensão dos processos de absorção do mundo infantil é extremamente complexa. O imaginário atua de forma dominante e a criança mergulha nas histórias, experimentando-as de forma viva. De modo bem diferente dos adultos, que presentes numa sociedade que pré-estipula os modos de compreensão e de lidar com os sentidos, o limita a uma racionalidade condicionada. Mas, que a qualquer momento pode ser “abordado” pelo poder do imaginário, capaz de compor e remontar o mundo a sua volta.

O valor estético da oralidade é consideravelmente relevante na arte da contação de história. Possibilita mudar por completo o entendimento e a atenção dada a uma narrativa. Cabe ao narrador saber como utilizar, e capturar o imaginário através do ritmo, da fala, das pausas, das ausências, para transformar a história contada em matéria-prima para as criações infantis. E é partindo deste pressuposto que o conto “A Porquinha Chiquita” foi passado para as crianças da creche da UFBA.

Neste trabalho, o material de estudo é gerado através da interação entre pesquisadores e pesquisados. Na forma como se captura a informação, no momento de troca entre os lados e da absorção pelo receptor.

Os contos têm a possibilidade de alimentar a mente e o imaginário das crianças. Podemos identificar este entendimento no artigo “O imaginário na literatura infantil” de Odila Maria F. C. Mansur, no qual apresenta a importância de manter e ainda, desenvolver esta capacidade de alimentar a criatividade de cada criança.

“Alimentar o imaginário da criança é desenvolver a função simbólica por meio de textos, de imagens e de sons. Tal situação, frase, melodia provoca em nós uma ressonância, leva-nos a estar em comunidade com o outro, o nosso duplo, e confere uma dimensão universal ao que sentimos”. (Mansur, 2005, p.4).

O conto “A Porquinha Chiquita” narra a história de uma porquinha que após muito tempo vivendo com um feirante foi vendida a um fazendeiro e ao chegar à fazenda era excluída por outros animais e para justificar, diziam: “quem anda com porcos, farelos come”. A ideia central apresentada é a de que se deve respeitar o próximo e a de que as aparências podem enganar, pois Chiquita por ser uma porca é vista muitas vezes como um animal sujo, o que na verdade não é o caso e isso é trazido no conto através de uma conscientização para as crianças, mostrando ainda o quanto é importante a reciclagem, ação desempenhada pela porquinha, quando ao ver que os outros animais jogam todo o lixo onde ela fica, começa a separar todo o material.

A narrativa foi contada a crianças de 3 a 3 anos e 12 meses, na creche da UFBA. E o que podemos perceber foi a identificação das crianças com a porquinha Chiquita, e deixavam transparecer o sentimento de compaixão, desejo de acolhimento e não aprovação com as atitudes dos outros bichinhos, que no início da história maltratavam a porquinha. Isso foi notado no momento de desenvolver atividades lúdicas após a contação, e as crianças tinham preferência em se aproximarem da pessoa que representou a porquinha Chiquita e de se afastar dos outros devido ao mau

comportamento representado e ainda comentavam o quanto acharam feias aquelas atitudes.

Historicamente existe uma separação do que vem a ser certo e errado, e isto é sempre ensinado pela família e educadores para as crianças. Elas, geralmente, crescem ouvindo de familiares e professores: “isso pode porque isso é certo”, “isso não pode porque isso é errado”. Existe também uma ligação entre o que é, certo ao bonito e do que é errado ao feio, exemplo: “Não faça isso porque é errado e feio” ou “isso não é atitude certa, não fica bonito para uma criança”. Ou até mesmo em afirmações como: “Isso é coisa de menino feio” atribuindo um sentido negativo a ação, e o contrário à mesma afirmação declarada ao bonito.

Desta forma a criança vai se desenvolvendo, conhecendo e repetindo para si as coisas aprendidas com aqueles que eles reconhecem como “exemplos a serem seguidos”. A criança reproduz o que é visto e ouvido a todo o momento. Ela se constrói através das relações afetivas, da exploração do meio ambiente e assim adquire autonomia.

“Diante disso, a Educação Infantil deve aproximar-se das ‘especificidades’ das crianças, garantindo, assim, a participação das crianças, criatividade e autonomia, cujo desafio de alteridade poderá ser a compreensão da cultura infantil como forma de ser, agir, sentir etc”. (PINTO, 2000/2001 p. 140).

O conto, com a sua linguagem fácil e estrutura curta, possibilita uma comunicação rápida e clara. Através do processo lúdico que permeou a contação de “A Porquinha Chiquita” as crianças puderam entender a importância do respeito ao próximo e deram passos iniciais no entendimento referente à noção de que o lixo pode ser separado e reaproveitado.

As narrativas infantis podem apresentar uma oportunidade positiva na educação das crianças, tendo em vista que os contos que permeiam o universo das crianças são dotados de personagens que marcam o imaginário delas por muito tempo, transmitem lições de amizade e de vida (como é o caso do conto citado neste trabalho), alimentam a cultura da oralidade e, incentivam as brincadeiras tradicionais.

Atualmente a tecnologia toma o espaço das brincadeiras tradicionais e o que vemos no dia-a-dia são crianças que possuem habilidades com iPhones, Tablets e fascinados pelos heróis e contos produzidos e difundidos pela mídia internacional. Na contramão desta realidade, o Projeto Canto do Conto nos apresenta narrativas dotadas

de respeito as histórias e brincadeiras da cultura local. Que merecem ser valorizadas e dotas de poder na construção do imaginário das crianças.

REFERÊNCIAS:

GIRANDELLO, Gilka Elvira Ponzi. MUNARIM, Iracema. **Crianças, mídias e cultura de movimento.** (Des) caminhos para pensar o corpo na infância (p. 331-347) **In**

ARROYO, M. SILVA, M. Corpo e Infância /

MANSUR, Odila Maria Ferreira Carvalho. **O Imaginário na literatura infantil.**

Campo dos Goytacazes, RJ: Perspectivas, 2005. Artigo. Pg. 9-18.

Exercícios tensos de ser criança. Por outras pedagogias dos corpos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MUNIZ, Durval. **Fragmentos do discurso cultural:** por uma análise crítica do discurso sobre a cultura no Brasil. Salvador, II ENECULT-UFBA, 2006.

PINTO, Rubia-Mar N. A Formação de Professores para a Educação Infantil: desafios para a universidade (Resenha). Revista Pensar a Prática, Julho/Junho de 2000/2001.

SARMENTO, M. J. **Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância.** In: Dossiê sociologia da infância: pesquisas com crianças. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 26, n.91, mai./ago., 2005.

SILVA, Maurício Roberto da. **Exercícios de ser criança.** O corpo em movimento na Educação Infantil (p. 216-239). **In** ARROYO, M. SILVA, M. Corpo e Infância / Exercícios tensos de ser criança. Por outras pedagogias dos corpos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TEIXEIRA, C. E. J. **A Ludicidade na Escola.** São Paulo: Loyola, 1995.